

ARGUMENTAÇÃO BÍBLICA PARA JUSTIFICAR A ORDENAÇÃO AO MINISTÉRIO DIACONAL

Ruthild Brakemeier*

Resumo

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) decidiu, em 1992, que diaconisas, diáconas e diáconos também seriam ordenadas. Os argumentos baseavam-se no Artigo 5º da Confissão de Augsburgo. O objetivo da pesquisa é ressaltar que a Bíblia tem argumentos mais convincentes para colocar o ministério diaconal ao lado do ministério pastoral. Segundo a Bíblia, Deus criou o ser humano à sua imagem, mas do pó da terra. Estas duas dimensões são inseparáveis. Deus ama suas criaturas e, por isso, quer o seu bem-estar integral. Ele não quer seu sofrimento. E culto a Deus não pode estar desvinculado da vida cotidiana. Na pessoa de Jesus Cristo Deus mostra sua grande compaixão para com a humanidade. Jesus veio para servir, porque servir faz parte da natureza de Deus. As primeiras comunidades cristãs valorizavam os diversos dons dados pelo Espírito Santo. Em virtude do crescimento das igrejas, foram instituídas lideranças, mas a estrutura hierárquica formou-se somente mais tarde. Considerando que pregação e diaconia devem formar uma unidade no testemunho da Igreja, torna-se necessário que também hoje se dê ao ministério diaconal a devida importância e visibilidade.

Palavras-chave: Ordenação. Ministério diaconal. Diaconia.

Abstract

The Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil decided, in 1992, that deaconesses and deacons should be ordained. The arguments were based on the Article 5 of the Confessio Augustana. The objective of the research is to emphasize that the Bible has more convincing arguments to put the diaconal ministry alongside the pastoral ministry. According to the Bible, God created the human being in the image of God, but from the dust of the ground. These two dimensions are inseparable. God loves his creatures and therefore wants their integral well-being. He doesn't want their suffering. And worship cannot be detached from daily life. In the person of Jesus Christ, God shows his great compassion with humanity. Jesus came in order to serve, because to serve is part of God's nature. The first Christian communities valued the different gifts of the Holy Spirit. Since the churches were increasing, it was necessary to install leadership. But the hierarchical structure appeared only later. Considering, however, that preaching and diakonia must form a unity in the witness of the church, it would be necessary for the Christian churches to once again give the diaconal ministry the importance and visibility it should have.

Keywords: Ordination. Diaconal Ministry. Diakonia.

* BRAKEMEIER, Ruthild. Mestre em Teologia. Área de Concentração: Teologia e História. Linha de Pesquisa: Diaconia. ruthild@diaconisas.com.br.

Introdução

Com a criação do Seminário Bíblico-Diaconal na Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo/RS, no ano de 1974, o ministério diaconal entrou mais em evidência na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), porque, a partir deste ano, a Casa também formava diáconas e não só diaconisas. Perguntava-se pelo lugar deste ministério na estrutura da Igreja. As diáconas tinham outra titulação, por não compartilharem com as diaconisas certas regras no seu estilo de vida, como, por exemplo, o celibato. Constituía, juntamente com os diáconos, formados em outra instituição, a Comunhão Diaconal (COD). Havia, portanto, duas comunhões diaconais: a COD e a Irmandade Evangélica Luterana das diaconisas. No entanto, o ministério era o mesmo. Todos eram consagrados ao ministério diaconal. Porém, começava-se a perguntar: Por que não usar o termo ordenação em lugar do termo consagração?

Esta e outras perguntas desencadearam uma ampla reflexão e discussão sobre diaconia, ministério e ordenação na IECLB. Constatava-se que o “pastorcentrismo” nas comunidades deveria dar lugar à diversificação dos ministérios. Formou-se uma comissão para elaborar um Estatuto que regulamentasse o exercício público do Ministério Eclesiástico (*ministerium ecclesiasticum*). Este seria indivisível, mas enquadraria ministérios específicos.

Em 1992, o Concílio Geral da IECLB aprovou o primeiro Estatuto a regulamentar, num único documento, o exercício público dos três ministérios: pastoral, diaconal e catequético. Ele estabelece que a admissão ao exercício do ministério, independente de qual deles, se dará através da ordenação. Com isso estava definida a equiparação do ministério diaconal ao pastoral.

O principal argumento para justificar a existência do ministério pastoral nas Igrejas Luteranas é, ainda hoje, o Art 5º da Confissão de Augsburgo (CA), onde se lê: “Para que alcancemos essa fé, foi instituído o ministério que ensina o evangelho e administra os sacramentos.” Conforme a compreensão geral, este ministério é o da palavra (*ministerium verbi*) e, conseqüentemente, o termo “ordenação” deve ficar reservado ao ministério pastoral. A inclusão do ministério diaconal no único ministério eclesiástico foi possível a partir da interpretação de que também este “ensina” (*docet*) o evangelho.

Esta interpretação, no entanto, não é facilmente aceita nas Igrejas Luteranas. Na própria IECLB as lideranças eclesiásticas demoraram para aceitar a

equiparação. Pois, ainda em 1991, o Conselho Diretor da IECLB havia publicado um documento sob o título “Ministério e Ordenação na IECLB - uma síntese”, no qual apresentava o ministério da pregação como o essencial e constitutivo da Igreja, porque desperta a fé, enquanto os outros são consecutivos, porque surgem a partir da fé.

A argumentação a partir da Confissão de Augsburgo, como única fonte, não é suficientemente convincente, visto que a CA foi um escrito apologético e, por isso, também teve seus acentos doutrinários específicos, importantes na época. Hoje vivemos num contexto diferente, que exige ressaltar ainda outros aspectos de nossa fé e vivência cristã. O ministério diaconal, ainda vivo na Igreja Antiga, atrofiou no decorrer dos séculos e não pôde ser resgatado na época da Reforma. Também se perdeu, em grande parte, a compreensão para a importância da diaconia no testemunho da Igreja.

A presente pesquisa se propõe a buscar uma argumentação a partir da Bíblia, para mostrar que o lugar legítimo do ministério diaconal é ao lado do ministério pastoral e que, por isso, também o termo “ordenação” é adequado para as pessoas que são incumbidas de suas funções.

Deus cuida da sua criação

Depois que Deus criou o mundo, constatou que tudo estava muito bom. Disto dá testemunho o livro bíblico de Gênesis, capítulo 1. E também nós podemos constatar que o ecossistema que Deus criou é perfeito e muito belo. Podemos admirá-lo, repetindo as palavras do Salmo 104.24: “Que variedade, Senhor, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas.”

O ser humano aos olhos de Deus

O ser humano foi o auge da criação, porque Deus o criou “à sua imagem” (Gn 1.26-27). Robert Kysar, no seu livro “Called to Care”¹ ressalta que o ser humano, na condição de imagem de Deus, está incluído na criação material da terra.

¹ KYSAR, Robert. *Called to Care: Biblical Images for Social Ministry*. Minneapolis: Fortress Press, 1991.

Isto fica especialmente evidente no segundo relato da criação, onde Adão e Eva são criados do pó da terra (Gn 2.7). Kysar acentua:

Nada no texto sugere que a 'imagem' é uma entidade puramente espiritual, contida num corpo físico inferior ... O ser humano deve ser entendido como um todo inseparável, no qual a matéria está integrada na realidade espiritual da vida. Por isso, a corporalidade da humanidade deve ser levada a sério.²

Deus tem um amor todo especial pelo ser humano que criou e, por isso, cuida dele, dando atenção a todos os aspectos de sua vida. Ele quer o seu bem-estar integral. Isto mostra a história do povo de Israel da qual algumas referências sirvam de exemplo.

Deus é compassivo

Por culpa humana, o povo de Israel, que Deus havia escolhido para ser luz para os povos (cf. Is 49.6), acabou na escravidão, no Egito. Deus, porém, ouviu o seu clamor e o reconduziu à sua pátria. A saída do Egito tornou-se para o povo de Israel o evento central de sua história. Por isso, ainda hoje é celebrado anualmente, com o 'Pessach', a Páscoa dos Judeus. A libertação dos oprimidos do jugo dos opressores revela um Deus que atenta para as condições de sofrimento humano. É um Deus que 'vê', 'ouve', 'conhece' e 'age' (Êx 3.7-8).

Durante a jornada do povo de Israel, saindo do Egito em direção à terra prometida, Deus fez uma aliança com este povo e lhe deu a lei por intermédio do seu guia Moisés, no monte Sinai. A obediência à lei seria a prova da fidelidade do povo a Deus. Kysar diz: "A lei (...), em certo sentido, foi a ponte entre religião e vida diária. Ela superou a distância entre o sagrado e o secular, entre culto e vida, entre Deus e o mundano da existência diária"³.

Nos livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, são trazidos detalhes desta lei e o que chama a atenção é a preocupação com os pobres, famintos, endividados, estrangeiros e necessitados em geral. Deus quer o bem-estar de todos. Mas dá atenção especial aos desprivilegiados, entrando em defesa deles. Eles precisam de oportunidades e estas são estabelecidas pela lei. Por exemplo, quem colhe deve deixar propositalmente uma parte para os pobres (Lv 19.9-10). O auxílio entre os membros do povo de Deus deve ser espontâneo e natural.

² KYSAR, 1991, p. 9.

³ KYSAR, 1991, p. 15.

Deuteronômio 15.7-8 é um exemplo: “Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos (...) não endurecerás o teu coração, nem fecharás as tuas mãos a teu irmão pobre.”

Da mesma forma, o Deus da lei é o defensor da justiça e da dignidade, principalmente, em se tratando de pessoas desprovidas de poder. Exemplos são palavras de profetas, como as de Amós, quando acusam os juízes que “vendem o justo por dinheiro, e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias” (Am 2.6). Deus deixa claro que um relacionamento que lhe agrada também requer um relacionamento justo com os semelhantes (Am 5.21-24).

Estes são apenas alguns poucos exemplos que mostram que Deus, o Criador, cuida de sua criação, dentro da qual o ser humano ocupa um lugar de destaque. Suas condições físicas, sociais, econômicas e políticas não lhe são indiferentes. Ele quer cuidar delas, sem, contudo, fazer o que cabe aos próprios seres humanos fazer. Pois Deus os criou com uma vontade livre e os colocou como mordomos sobre sua criação (Gn.1.28). Concluindo este capítulo, cabe ressaltar que o relacionamento do ser humano com Deus não pode estar desvinculada da sua vida cotidiana. Por isso, culto e diaconia devem andar de mãos dadas.

Deus revela sua vontade por meio de Jesus Cristo

Segundo o testemunho do Novo Testamento, Deus se revelou na pessoa e obra de Jesus de Nazaré. Ele viveu na terra, como ser humano, como nós, mas também teve natureza divina e era conhecedor da vontade de Deus. Ele disse: “Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim” (Jo 14.11). Quando alguns judeus incrédulos questionaram Jesus, ele lhes disse: “Crede nas obras, para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu estou no Pai” (Jo 10.38). Wilhelm Brandt lembra que “com tudo que Jesus efetua, ele é a “palavra” que Deus pronuncia para dentro deste mundo (Jo1.1ss) ⁴. Portanto, observando o que Jesus dizia e fazia, podemos conhecer a vontade de Deus. Seguem alguns exemplos.

As curas como sinais do reino de Deus

⁴ BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus, in: NORDSTOKKE, Kjell (Org.) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003, p. 19.

No primeiro capítulo do evangelho de Marcos lemos: “Foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.14s). Com Jesus inicia um novo tempo. Wilhelm Brandt argumenta: “A proclamação do reino significa: agora Deus está prestes a assumir seu senhorio régio. Deus provoca uma nova realidade, um novo ‘éon’, um ‘reino’, no qual ele governa”⁵. Segundo um dicionário bíblico-teológico⁶, a vinda do reino de Deus é um dos temas principais da pregação de Jesus. Ele usa a expressão “entrar no reino de Deus” no sentido de entrar numa nova realidade, no fim dos tempos. Exemplos são as palavras de Marcos 9.47 e Lucas 13.24. Conforme o dicionário, com a chegada do reino de Deus se dará a “revelação plena do senhorio régio de Deus”. Mas já serão vistos sinais deste reino por intermédio do Jesus histórico.

Quando João Batista esteve no cárcere, por ordem do rei Herodes, ficou em dúvida sobre a identidade de Jesus, mandando perguntar se ele, de fato, era o enviado de Deus, o Messias. Na resposta, Jesus aponta para os sinais que estavam acontecendo: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mt 11.5).

Foi a vontade de Deus que Jesus curasse pessoas enfermas, como um sinal da proximidade e do início do reino de Deus com a vinda de Jesus Cristo. Mas as curas também foram realizadas por outro motivo: a compaixão de Deus. Assim como Deus se compadeceu do seu povo escravizado no Egito, durante a caminhada pelo deserto e em outros momentos, Jesus se compadeceu quando viu suas criaturas sofrendo com doenças, deficiências e exclusão. Mateus escreve: “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (9.36). As enfermidades eram tantas que era impossível curar a todas. Por isso, Jesus disse: “A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara” (9.37s). É por este motivo que Jesus enviou seus discípulos e outras 70 pessoas a pregar e curar (Lc 9.2; 10.9). Diz Brandt:

⁵ BRANDT, Wilhelm, p. 24s.

⁶ OSTERLOH, Edo; ENGELLAND, Hans. *Biblisch-theologisches Handwörterbuch*. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1964, p. 489.

As ações curativas por parte de Jesus testemunham também que ele leva a sério a aflição ou necessidade corporal. Nos testemunhos protocristãos, de forma alguma se pode sentir que as pessoas pensassem: o importante é a cura interior, a cura física é insignificante. Isto é algo que decididamente cai em vista. É verdade que todos os evangelistas são unânimes em declarar que Jesus consuma sua obra ao conduzir os muitos do cativeiro para Deus entregando sua vida em favor deles. Reconciliação, perdão dos pecados continua sendo o cerne da mensagem apostólica (cf., p.ex. 2 Co 5.19). No entanto, por causa disso não se depreciam as curas físicas. (...) Em todas essas narrativas de cura, é certo que não se constata a subdivisão do ser humano em corpo e alma, amplamente difundida sob a influência de Platão. O ser humano é novamente entendido como um ser integral⁷.

Referente aos relatos de cura de Jesus há, entre os cristãos de hoje, uma tendência de “espiritualizá-los”, quando, por exemplo, o assunto bíblico a ser comentado é a cura de um cego, e o intérprete só fala sobre a cegueira espiritual. Kysar lamenta este fato e diz: “Neste lastimável processo, um outro ponto que merece destaque se perdeu: o chamado para continuar o ministério de Jesus junto aqueles que sofrem aflições físicas, mediante o que chamamos de ministério social”⁸.

Existe uma relação estreita entre sofrimento físico e espiritual. Jesus via todas as dimensões do sofrimento humano. Por isso disse ao paraplético: “Filho, os teus pecados estão perdoados.” Mas também lhe disse: “Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa” (Mc 2.1-12). Ao curar dez leprosos, Jesus lhes deu a oportunidade de voltar ao seu convívio familiar. Mas lamentou que só um deles voltou para dar glória a Deus. A este Jesus disse: “a tua fé te salvou” (Lc 17.19). Este obteve cura integral: física e espiritual.

Em outra ocasião, Jesus curou uma mulher de doze anos de hemorragia. E Jesus lhe diz: “Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou.” Haveria uma diferença entre cura e salvação? Anna-Dorothea Biersack diz: “A Bíblia nos ensina uma visão mais holística dos seres humanos, segundo a qual não podemos separar salvação e cura, nem tampouco corpo, alma e espírito, porque formam uma unidade”⁹.

As curas de Jesus, como sinais do reino de Deus, tem a ver com a sua missão que ele expressou assim: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10.10). Vida abundante envolve a pessoa humana de forma integral.

⁷ BRANDT, 2003, p. 24.

⁸ KYSAR, 1991, p. 34. Na IECLB o “ministério social” é chamado de “ministério diaconal”.

⁹ BIERSACK, Anna-Dorothea. *Salvation and Healing. Women Magazine*, Lutheran World Federation. Genebra, n.56, p.17-18, July 2003.

O serviço de Jesus

Jesus sabia de que forma deveria cumprir sua missão na terra: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28).

Numa palestra sobre “A Diaconia na Igreja” Theodor Schober constata que, na Antiguidade, as pessoas sujeitas a servirem outras não tinham boa conceituação na sociedade. Mesmo assim, Jesus ousa identificar-se com aquele que serve à mesa e não aquele que é servido (Lc 22.27). Com isso, “Cristo cria uma nova dimensão da dignidade humana: mediante o servir. Que o Messias tinha justamente esta característica, foi um escândalo para muitos”¹⁰.

Jesus é obediente a Deus, seu Pai, e a identificação com aquele que serve faz parte da proposta de Deus para com a sua criação e humanidade. O senhorio régio de Deus tem a característica da paz e da integridade. Deus enviou seu Filho, “para chamar pecadores” (Mc 2.17), “para buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10), “para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3.17), “para servir” (Mc 10.45). Jesus não serve “como aquele que desfruta, que faz de suas necessidades uma ordem para os outros, mas como quem age em prol das necessidades dos demais”¹¹. A salvação aconteceu e acontece, porque Jesus, na sua condição de servo, foi até as últimas consequências, morrendo na cruz. Brandt diz: “Esse conteúdo do envio corresponde à vontade e à natureza de Deus”¹². A natureza de Deus é amor e misericórdia. Até é possível dizer: A natureza de Deus é servir.

Ao lavar os pés dos discípulos (Jo 13.1-17), na ceia de despedida, Jesus acentuou mais uma vez, de forma a não deixar dúvidas, que ele veio para servir. Mas também lembrou que esta é a missão do discípulo: curvar-se, quando necessário, para atender necessidades humanas.

Neste contexto do servir também é importante citar Mateus 25.31-46, onde se lê que “quando vier o Filho do homem na sua majestade” vai separar aqueles que irão “entrar na posse do reino” daqueles que irão para o “castigo eterno” (Mt 25.31-46). O critério para esta separação será o cuidado que as pessoas dispensaram

¹⁰ SCHOBER, Theodor. *Die Diakonie der Kirche*. Kassel: Verlag Evangelischer Presseverband Kurhessen Waldeck e.V., 1965. p.4.

¹¹ BRANDT, 2003, p. 16.

¹² BRANDT, 2003, p. 18.

durante a sua vida aos pequeninos irmãos de Jesus que estavam com fome, com sede, nus, doentes, presos e forasteiros. O texto adverte que é necessário dar atenção ao que necessita de ajuda e não passar indiferente por ele como o sacerdote e o levita na história que Jesus contou ao intérprete da lei que quis saber quem era o seu próximo (Lc 10.25-37).

Schober diz: “Considerando que Cristo ligou sua vinda com o sacrifício de sua vida, e porque chamou a comunidade para este caminho, através do ‘como eu’ (Jo 13.15), não há obediência sem o caminho da cruz”¹³. O serviço da comunidade não pode trazer salvação, no sentido da redenção, porque esta foi consumada por Cristo. Mas é tarefa da comunidade dar atenção às diversas facetas do sofrimento humano.

O evangelista Lucas cita uma palavra de Jesus na parábola do servo vigilante (Lc 12.35ss), que Albrecht Bengel chamou de “a maior promessa de toda a Sagrada Escritura”¹⁴. Nesta parábola o senhor chama de bem-aventurados os servos que foram vigilantes. Ele os recompensará, convidando-os para sentar-se à mesa na qual ele mesmo os servirá. Schober comenta: “Esta figura diz: No último dia, o juiz irá julgar aqueles que representam sua comunidade – não conforme o conceito humano, mas conforme o conhecimento de Deus – tirando o seu manto de juiz e aparecendo com a veste do diácono”¹⁵.

Brandt analisa como estão relacionadas entre si ‘palavra’ e ‘ação’ de Jesus. Ele constata:

A partir do exposto, torna-se evidente que elas constituem uma unidade inseparável. (...) Sem as ações, a palavra permaneceria oca; sem a palavra, as ações seriam mudas. Acontece, porém, que palavra e ação formam um testemunho unitário do senhorio régio de Deus (cf., p.ex., como Mateus concebe os capítulos 5 a 9 como unidade). (...) Através de sua pessoa, com tudo o que efetua, Jesus é a “palavra” que Deus pronuncia para dentro deste mundo (Jo 1.1ss)¹⁶.

Este aspecto é de suma importância para a equiparação dos ministérios diaconal e pastoral.

¹³ SCHOBER, 1965, p. 9.

¹⁴ SCHOBER, 1965, p. 5.

¹⁵ SCHOBER, 1965, p. 4s.

¹⁶ BRANDT, 2003, p. 19.

Deus orienta sua Igreja

Ao despedir-se dos seus discípulos, Jesus lhes deixou um mandato: fazer discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a guardar o que lhes tinha ordenado (Mt 28.19s). Cumprir isto só foi possível, porque eles receberam o Espírito Santo, que os lembrou das palavras e ações de Jesus, e também os orientou. Neste capítulo, serão trazidos alguns ensinamentos relevantes para a temática.

A Igreja como corpo de Cristo

A Igreja de Jesus Cristo teve seu início quando os discípulos, agora chamados de apóstolos, ficaram cheios do Espírito Santo (At 2). Matias havia sido escolhido em lugar de Judas Iscariotes, “para preencher a vaga neste ministério e apostolado” (At 1.25). Os apóstolos, como testemunhas oculares dos feitos de Jesus e como seus enviados, também foram os primeiros líderes da comunidade cristã em Jerusalém. Mas, visto que a comunidade de Jerusalém crescia muito, viram que teriam que engajar mais pessoas na liderança, a fim de poderem cumprir sua missão. Em Atos 6 lemos que surgira uma necessidade muito concreta na comunidade cristã: a de cuidar para que as viúvas helenistas não fossem “esquecidas na distribuição diária” das refeições (At 6.1).

Há quem veja na instituição dos sete líderes adicionais, que foi realizada com imposição de mãos pelos apóstolos, a instalação dos primeiros diáconos, considerando que eles ficaram encarregados de um trabalho que hoje seria visto como “trabalho diaconal”. No entanto, a palavra “diácono” não aparece neste texto. Aparece somente o verbo “*diakonein*”, traduzido por Almeida como “servir à mesa”, e a palavra *diakonia* junto à palavra pregação. Pedro diz (At 6;4): “Quanto a nós, nos consagraremos à oração e à *diakonia* da palavra”. Almeida traduz *diakonia* como “ministério”. É importante ver que, neste momento da história, a igreja era um organismo dinâmico, comparado ao corpo humano (1 Co 12), no qual a cabeça é Cristo. Os membros servem com seus dons, complementando-se conforme as necessidades do corpo. Os sete homens escolhidos foram encarregados de uma determinada tarefa, mas Estêvão e Filipe também aparecem, mais tarde, pregando.

Uma abordagem interessante sobre a origem do ministério eclesiástico encontramos num artigo de Gerhard Lohfink, onde este cita palavras de uma palestra apresentada num seminário da Academia da Diocese de Rottenburg-Stuttgart, no dia 18 de junho de 1980 em Hohenheim, Alemanha¹⁷. Lohfink inicia seu artigo sobre “Diáconos femininos no Novo Testamento” com estas palavras:

Jesus celebrou a primeira missa no salão da santa ceia. Enquanto a celebrava, também instituiu a eucaristia como sacramento. Mais ainda: Ele não só instituiu a eucaristia, como também criou, no momento em que a instituiu, o ministério sacerdotal hierárquico, que, em breve, se subdividiu em sacerdócio e bispado. (...) Visto que Jesus só incumbiu homens com este ministério sacerdotal (...) não existe um sacerdócio legítimo para mulheres¹⁸.

Esta compreensão de ministério certamente ainda tem influência sobre a doutrina do ministério na Igreja Católica Romana. Para Lohfink é inaceitável, considerando que os sacramentos pressupõem a morte e a ressurreição de Jesus e, sobretudo, o envio do Espírito Santo. Ele diz: “A Igreja está pre-formada na ação de Jesus e Jesus é o sacramento original (*Ursakrament*) de toda a salvação, mas isto não significa que ele instituiu, com um ato fundador histórico, uma Igreja ou alguns sacramentos”¹⁹. Segundo Lohfink a Igreja criou ministérios na medida em que precisava deles. Um exemplo são os sete homens, citados em Atos 6, que, na época, constituíram o grupo de líderes da comunidade helenística de Jerusalém. A criação dos ministérios, portanto, tem seu fundamento no fato de ter Jesus enviado suas testemunhas ao mundo com uma missão. Mas o desenvolvimento da estrutura eclesiástica foi um processo que se deu no decorrer da história.

O apóstolo Paulo havia entendido bem que a igreja, como corpo de Cristo, não pode esquecer de cuidar das necessidades materiais dos seus membros. Por isso também incentivou o levantamento de uma coleta entre as comunidades da Ásia Menor em favor da comunidade empobrecida de Jerusalém (2 Co 8 e 9). No entanto, o oferecimento dos recursos materiais aos necessitados ainda teve uma outra dimensão importante: o amor de Deus que se manifestou no cuidado aos irmãos na fé. A diaconia é sempre palavra de Deus, mesmo que silenciosa.

Ministérios na Igreja Primitiva

¹⁷ LOHFINK, Gerhard. Weibliche Diakonie im Neuen Testament. In: DAUTZENBERG, Gerhard; MERKLEIN, Helmut; MÜLLER, Karlheinz. *Die Frau im Urchristentum*. 3. ed. Freiburg: Herder, 1983. p. 320-338.

¹⁸ LOHFINK, 1983, p.320.

¹⁹ LOHFINK, 1983, p. 322.

Uma característica da Igreja, no primeiro século da cristandade, foi a diversidade dos serviços baseados nos dons do Espírito Santo. Lemos em 1 Co 12.4s: “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo”. Nestes versículos, a palavra “dons” é “*charísmata*” no original grego e, onde diz “serviços” consta “*diakonía*” (= o plural de “*diakonia*”). Conforme os versículos 28 a 31 do mesmo capítulo, parece já ter havido ministérios ‘oficiais’ estabelecidos por Deus, como a dos apóstolos, profetas e mestres. Mas, junto com eles são citadas pessoas com diferentes carismas. Isto mostra que ainda não se fazia uma distinção acentuada entre os líderes e as pessoas que contribuía com seus dons.

O livro de Atos dos Apóstolos dá testemunho do crescimento das igrejas cristãs, no âmbito do Império Romano, na época do apóstolo Paulo. As reuniões aconteciam principalmente nas casas dos membros, uma vez que ainda não se usava templos. Em virtude do crescimento das igrejas tornou-se necessário organizá-las. Lemos em Atos 14.23 que Paulo “promoveu em cada igreja a eleição de presbíteros”. O termo presbítero provém do grego *presbúteros* e significa “ancião”. Era o termo preferido nas comunidades judaicas. Um sinônimo era *epískopos*, em português “bispo”, preferido nas comunidades gentílicas. Nas cartas neotestamentárias estes termos são usados alternadamente (Ex. Tito 1.5-9)²⁰. A função das lideranças era a de supervisionar as atividades gerais das igrejas locais, além de orientar os membros na fé cristã. O autor da carta aos Efésios diz que o próprio Cristo “concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (4.11s).

Uma referência rápida merece Febe, uma mulher citada na carta de Paulo aos Romanos, capítulo 16. Nos versículos 1 e 2, Paulo apresenta Febe como *diákonos* da comunidade de Cencreia. Almeida traduziu o termo grego por “está servindo”. Lohfink traz alguns argumentos a favor do termo *diákonos*, para comprovar que Febe tinha sido portadora de um ministério específico²¹. Paulo usou

²⁰ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. 3. v., 3. ed. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda., 1982. p. 299

²¹ LOHFINK, 1983, p. 326.

a palavra no masculino, porque a forma feminina do termo grego *diakonissa* apareceu comprovadamente somente no segundo século. Isto permite supor que também havia mulheres entre os diáconos citados em outros textos bíblicos, como Fp 1.1 e 1 Tm 3.8ss. Não conhecemos as funções do ministério de Febe. Mas podemos supor que ela não tenha exercido somente funções caritativas, de apoio e proteção aos membros da comunidade portuária de Cencrécia, mas também tenha sido ativa no anúncio do evangelho de Jesus Cristo. Acredita-se que ela foi a portadora da carta de Paulo aos Romanos.

Também merece menção o nome de outra mulher na lista de nomes em Romanos 16: Júnia. Ela é citada no versículo 7, junto com Andrônico, e Paulo destaca que ambos eram “notáveis entre os apóstolos”. Traduções bíblicas, como também a de Almeida, transformaram Júnia em “Júnias”, um nome masculino. Certamente consideraram impossível haver uma mulher entre os apóstolos. Mas há boas razões para acreditar que Júnia é o nome correto²².

Nas igrejas cristãs também cresceu o número de falsos mestres (cf. 1 Tm 6.3-10; Tt 1.10ss). Por isso, o bispo também devia ser “apto a ensinar” (1 Tm 3.2). Esta qualidade fez com que ele se tornasse a autoridade por excelência, em detrimento de outras pessoas que exerciam funções importantes nas igrejas, como os diáconos.

Em tempos pós-bíblicos a estrutura da igreja tornou-se hierárquica, na qual o diácono passou a ser um auxiliar do bispo e o seu ministério um degrau antes do sacerdócio. Com isto a Igreja perdeu um aspecto importante do seu testemunho que precisa ser resgatado.

Conclusão

A Bíblia nos revela Deus como aquele que ama a sua criação e, portanto quer a sua preservação. O ser humano foi formado do pó da terra e a sua dignidade provém do fato de ter sido criado à imagem de Deus. A corporalidade e a relação especial com seu Criador são duas dimensões diferentes, mas inseparáveis. Ambas precisam de cuidados.

²² LOHFINK, 1983, p. 325ss.

A Bíblia também nos revela Deus como aquele que é compassivo e longânimo. Seu amor não quer o sofrimento humano. Por isso intervém em situações de opressão e aflição. As leis que dá ao seu povo preveem o convívio harmonioso, no qual o pobre e o necessitado recebem atenção especial. E Deus deixa claro que o culto prestado a ele não pode estar dissociado da vida diária.

A Bíblia nos revela Jesus Cristo como a encarnação da palavra de Deus e da sua vontade. Com a vinda de Jesus ao mundo iniciou-se o senhorio régio de Deus, e as curas que operou foram sinais dos valores deste senhorio. As dimensões corporal e espiritual formavam também para Jesus uma unidade. Jesus veio para servir, porque servir faz parte da natureza de Deus.

A Bíblia nos revela Deus como aquele que, mediante o Espírito Santo, transmite sua vontade à Igreja. Ele quer que todos sirvam uns aos outros com o dom que receberam, sem que haja desprezo de algum dom. Como consequência do crescimento da igreja e do surgimento de falsos mestres, foi necessário instituir lideranças, que coordenassem os diversos trabalhos. Foram distribuídas responsabilidades e funções, o que deu origem aos ministérios da Igreja.

A missão da Igreja é testemunhar a vontade de Deus e vivê-la. Esta vontade divina é testemunhada pela Igreja quando seus membros convivem como membros do mesmo corpo e pessoas fragilizadas são socorridas e apoiadas em suas diversas necessidades (*koinonia/diakonia*). A vontade de Deus também é testemunhada pela Igreja quando os membros se reúnem para deixar-se servir por Deus e celebrar sua graça misericordiosa (*leiturgia*). A vontade de Deus é testemunhada quando esta for pregada e ensinada (*martyria/ kerygma*). O testemunho destas diversas dimensões constituem uma unidade indivisível.

Para cumprir bem esta missão nos tempos de hoje, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil prepara pessoas que se sabem vocacionadas por Deus para o ministério. O ato litúrgico, pelo qual as pessoas são incumbidas da responsabilidade pública de exercer determinadas funções em caráter permanente, é a “ordenação ao ministério eclesiástico”, que pode ser desdobrado em ministérios específicos. Quem for ordenado ao ministério diaconal é inserido, da mesma forma como quem foi preparado para o ministério pastoral, “no ministério da igreja de

Jesus Cristo em todo o mundo”, tendo “vínculo confessional e ministerial com a IECLB e sua missão”²³.

É imprescindível que as Igrejas usem o termo ordenação, não somente para o ministério específico da pregação e da administração dos sacramentos, mas também para outros que são básicos para o testemunho da Igreja. Deve tornar-se visível que a diaconia, que é expressão do amor de Deus e que faz parte da natureza de Deus, é constitutivo do testemunho da Igreja.

Este testemunho cabe a cada cristão. Mas deve haver quem coordena determinados serviços, como também deve haver quem orienta, anima e ajuda a desenvolver dons individuais. Também deve haver quem exerce determinados serviços e sabe defender causas justas, tendo para isto a devida qualificação.

A Confissão de Augsburgo é um documento que foi escrito numa época em que foi necessário acentuar a salvação unicamente pela fé. Ora, a fé vem pela palavra e o amor é um fruto da fé. Se esta sequência for a base para a doutrina dos ministérios, formará a estrutura hierárquica. Se, no entanto, também outros aspectos importantes da fé cristã forem considerados, como os citados acima, a estrutura da Igreja se tornará mais condizente com o testemunho geral da Bíblia.

Referências

ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*: Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BIERSACK, Anna-Dorothea. Salvation and Healing. *Women Magazine*, Lutheran World Federation. Genebra, n.56, p.17-18, July, 2003.

BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus, in: NORDSTOKKE, Kjell (Org.) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. 3. v., 3. ed. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda., 1982

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Estatuto do Ministério com Ordenação*. 4. ed. Blumenau: Centro de Literatura da IECLB, 2010.

²³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Estatuto do Ministério com Ordenação*. 4. ed. Blumenau: Centro de Literatura da IECLB. 2010. Art. 5º.

KYSAR, Robert. *Called to Care – Biblical Images for Social Ministry*. Minneapolis: Fortress Press, 1991.

LOHFINK, Gerhard. Weibliche Diakonie im Neuen Testament. In: DAUTZENBERG, Gerhard; MERKLEIN, Helmut; MÜLLER, Karlheinz. *Die Frau im Urchristentum*. 3. ed. Freiburg: Herder, 1983.

OSTERLOH, Edo; ENGELLAND, Hans. *Biblisch-theologisches Handwörterbuch*. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1964.

SCHOBBER, Theodor. *Die Diakonie der Kirche*. Kassel: Verlag Evangelischer Presseverband Kurhessen Waldeck e.V., 1965.